

Movimentações de Rami: uma análise sobre corpo, feminilidade, sexualidade e poligamia como recursos de resistência à opressão colonial em *Niketche*

Gabriela Machado Silveira

Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestra em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL-UESB).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9939-3681>
E-mail: gmsilveira.ppgl@uesc.br

Rami's movements: an analysis of the body, femininity, sexuality and polygamy as resources for resistance to colonial oppression in *Niketche*

Gabriela Machado Silveira

Universidade Estadual de Santa Cruz.

Ana Paula Garcia Boscatti

Universidade Federal da Bahia.

Ana Paula Garcia Boscatti

Doutora no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Adjunta A no curso de Bacharelado em Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8463-4099>
E-mail: apgboscatti@uesc.br

Submetido em: 22/06/2025

Aceito em: 22/10/2025

Publicado: 10/12/2025

e-Location: 19812

Doi: 10.28998/2317-9945.202586.457-477



ISSN: 2317-9945 (On-line)
ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar os conflitos pessoais da mulher-personagem Rami, protagonista do romance *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, publicado pela primeira vez em 2001. Para tanto, observar o processo de percepção do eu relacionado a aspectos como corpo, sexualidade e feminilidade será importante. A pesquisa é relevante por refletir sobre como a era farmacopornográfica e a colonialidade interferem na elaboração do sujeito na narrativa. Consideraremos a experiência de imersão dos personagens em um contexto poligâmico para evidenciar como a cultura cristã ocidental farmacopornográfica contribui para gerar conflitos em relação ao modo de a mulher constituir-se frente às relações afetivas, sexuais e de gênero. Chegamos à conclusão de que a narrativa denuncia as dúvidas, dualidades e conflitos da voz tradicional percebida por Rami, em oposição com vozes trazidas pela cultura colonial, o que a deixa insegura quanto a sua forma de existir no mundo. Para tecer a análise, recorreremos a nomes teóricos como os de Paul Preciado, Silvia Federici, Oyèrónké Oyěwùmí, María Lugones e outros.

Palavras-chave: Mulher; Poligamia; Corpo; Feminilidade; Sexualidade.

Abstract

The objective of this research is to analyze the personal conflicts of the female-character Rami, from the novel Niketche: uma história de poligamia, by Paulina Chiziane, first published in 2001. To

this end, it will be important to observe the process of perception of the self-related to aspects such as body, sexuality and femininity. The relevance of the research is justified by its use to reflect on how the pharmacopornographic era and coloniality interfere in the elaboration of the subject in the narrative. We will consider the experience of immersion of the characters in a polygamous context to highlight how the Western Christian pharmacopornographic culture generates conflicts related to the way women constitute themselves in terms of affective, sexual and gender relations. Our conclusion is that the narrative denounces the doubts, dualities and conflicts of the traditional voice perceived by Rami, in opposition to voices brought by colonial culture, which leaves Rami insecure about her way of existing in the world. To carry out the analysis, we will resort to theoretical names such as Paul Preciado, Silvia Federici, Oyèrónké Oyěwùmí, María Lugones and others.

Keywords: Woman. Polygamy. Body. Femininity. Sexuality.

INTRODUÇÃO

Segundo Lins (2007), o Ocidente vivencia uma mudança na compreensão dos relacionamentos afetivos e sexuais, o que ocasiona variações para experimentar o amor e o sexo. Uma delas diz respeito a um possível fim das relações monogâmicas, o que pode sugerir expressões de subjetividades menos exclusivistas para o sujeito moderno.

Dentre as demandas desse sujeito está o fato de, principalmente depois do advento da pílula anticoncepcional, a mulher poder exercer sua sexualidade sem a obrigatoriedade de ser mãe. Porém, Paul Preciado (2019) lembra que, dentre todos os órgãos do corpo humano, o útero é o menos livre, sendo a maior vítima de expropriação política e econômica ao longo da história. Para ele, a formação de subjetividade, depois do século XX, é profundamente marcada pela influência do capitalismo cognitivo, que submete o corpo a uma nova epistemologia de exploração mundial.

Assim, na era farmacopornográfica, novas dinâmicas serão atribuídas ao gênero, ao sexo, à sexualidade, ao prazer e ao corpo. As ideias de feminilidade e masculinidade são afetadas principalmente com a insurgência de uma política dos hormônios permitida com a popularização da pílula anticoncepcional, elemento capaz de separar significativamente a heterossexualidade da reprodução e a mulher do trabalho reprodutivo.

A identidade sexual dos sujeitos contemporâneos está submetida a uma gestão biopolítica que interfere em âmbitos entendidos como privados, mas que, na verdade, são políticos. Para Lins (2007), um exemplo é o casamento cisheterossexual, seara na qual o adultério continua aparecendo com frequência nos consultórios de análises, mas com a qual os casais tendem a lidar de maneira que o fim do relacionamento não é cogitado. Em vez disso, é comum a adoção de modelos não-monogâmicos de expressão dos afetos.

Para Preciado (2018, p. 38, grifo do autor), o “negócio farmacopornográfico é a *invenção de um sujeito* e, em seguida, sua reprodução global”. Isso significa que a lógica farmacopornográfica do capitalismo cognitivo pode influenciar, também, contextos da África Oriental, operando modos de subjetividades que coexistem, alargam-se e/ou entram em conflito com a dinâmica tradicional local. Pensando nisso, *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, é um instrumento que ajuda a aplicar um olhar crítico sobre as relações afetivas poligâmicas, bem como sobre a constituição da mulher na era farmacopornográfica. Assim, interessa-nos analisar como ocorre a formação de subjetividade da mulher-personagem Rami e como o processo de colonização e os conflitos entre uma cultura tradicional e a influência colonial ocidental afetam o sujeito.

Para tal tarefa, recorreremos aos estudos de gênero, com um olhar decolonial, partindo de teóricos como Paul Preciado (2019; 2011; 2018), Silvia Federici (2017), Oyèrónké Oyěwùmí (2004), María Lugones (2010), entre outros. Considerando a literatura e alinhadas para *falar com*¹ Rami, problematizaremos como a colonização, o capitalismo e o patriarcado são elementos que sustentam a subalternização e a exploração feminina, tanto de seus corpos como de seus afetos. Ademais, queremos

¹ Quando escrevemos que falaremos *com* Rami, queremos dizer que a mulher-personagem não será posicionada como mero objeto de análise, mas que iremos considerar suas ideias e perspectivas como saberes ancestrais, modernos e que estão em constante processo de alargamento, fazendo confluír pensamentos históricos, colonizados, ao mesmo tempo em que há posicionamentos contrários e uma tentativa de resignificação. As reflexões de nossa mulher-personagem serão, portanto, entendidas como um conhecimento de mundo que deve ser respeitado e levado em consideração por pesquisas feitas a partir de estudos ocidentais. Dessa forma, ampliaremos nossos horizontes e tentaremos promover olhares que se voltam não só para as críticas decoloniais, mas também para pensar a mulher como sujeito adaptável, crítico, mutável e desejante.

apontar os conflitos experimentados por Rami quanto à poligamia, aos embates monogâmicos advindos da moral cristã e aos seus próprios desejos.

RAMI E A DANÇA DE POLIGAMIA

Paulina Chiziane mostra-se nas entrevistas que concede, nos eventos que participa e na militância que representa. Tudo o que mais interessa sobre ela foi dito por suas próprias palavras em materiais que podem facilmente ser acessados em plataformas como *YouTube* e *Spotify*. A respeito dela, é relevante apontar que, em 2001, publicou *Niketche: uma história de poligamia*; dois anos depois ganhou o Prêmio José Craveirinha de Literatura, premiação moçambicana que contempla obras que contribuem para registro e valorização da cultura local. Vinte anos depois, foi vencedora do Prêmio Camões, idealizado por uma parceria entre Portugal e Brasil.

Apesar de tardio, trata-se de um reconhecimento importante, visto que, nas palavras de Chiziane: “[...] nunca falei nos livros na minha voz pessoal, mesmo nos livros em que escrevo na primeira pessoa, eu estou a trazer a voz coletiva, portanto, é todo um povo que é agraciado por este grande prêmio”². O “falar” e o reconhecimento são ambos coletivos. Quem fala não é apenas Chiziane, mas uma diversidade de vozes lusófonas, colonizadas, de mulheres e de comunidades negras que aprenderam a Língua Portuguesa (com iniciais maiúsculas) como uma disciplina proposta pelo sistema de ensino³. Segundo Chiziane:

Eu sou aquela pessoa que aprendeu a ler e a escrever, foi à escola, teve essa sorte, mas também tive a sorte de caminhar pelo país e descobrir as maravilhas que este país tem. Então eu não sou aquela pessoa que se pode dizer ela veio de um status social x, assim nobre, não! Eu vim do chão.⁴

² Fala presente na entrevista concedida ao Euronews, em vídeo publicado em 21 de outubro de 2021. Disponível no YouTube no *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=2jG4BGhYpcQ&t=78s>>.

³ A língua portuguesa não é a primeira falada por Chiziane e por outras gerações de Maputo e Moçambique, bem como de diversas comunidades, cidades e países africanos. As línguas chope e ronga são as primeiras faladas pela autora. A chope provém do povo chope, conhecido pelo uso do instrumento musical mbila ou timbila, um tipo de xilofone, que compõe músicas orquestrais. Já a língua ronga pode ser considerada como uma variante da língua tsonga em Maputo e é considerada ameaçada pela presença da língua portuguesa. Para fins de conhecimento, ela pode ser apreciada na poesia recitada no *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=T0wgfPq7t3c>>.

⁴ Fala presente na entrevista concedida ao Euronews, em vídeo publicado em 21 de outubro de 2021. Disponível no YouTube no *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=2jG4BGhYpcQ&t=78s>>.

A sensação de estar no chão não parece ser algo recorrente apenas no existir da autora ou dos grupos socioculturais que ela representa. Em Rami, por exemplo, notam-se diversos conflitos com a própria condição de existência a partir da percepção do corpo, da sexualidade e das disputas da relação poligâmica, cujas consequências são a constante sensação de falta e insuficiência. Rami sente-se velha, com o útero “seco” por não ter tido um sexto filho e compara-se às outras quatro esposas do marido. Dentre elas, três deram os filhos que ele desejava. Então, a escassa procura do marido para sexo faz Rami ficar insegura, já que sabe que as demais esposas são mais jovens, têm corpos mais delgados e tatuagens provenientes de rituais sexuais que afloram a sedução feminina e demonstram uma experiência sexual vasta. Arrasada, Rami está constantemente “no chão” ao mesmo tempo que observa as suas bases ideológicas desabarem com a ausência do marido:

Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. Vejo olheiras negras no meu rosto, meu Deus, grandes olheiras! Tendo andado a chorar muito por estes dias, choro até demais. Olho bem para minha imagem. Com esta máscara de tristeza, pareço um fantasma, essa aí não sou eu. Titubeio uma canção antiga daquelas que arrastam as lágrimas à superfície. Nessa coisa de cantar, tenho as minhas raízes. Sou de um povo cantador. Nesta terra canta-se na alegria e na dor. A vida é um grande canto. Canto e choro (Chiziane, 2021, p. 14).

A dor de Rami provém da sensação de roubo, como se “as mulheres deste mundo” (Chiziane, 2021, p. 15) tivessem roubado o seu marido. Foi preciso empatia e senso crítico para que a mulher-personagem admitisse que já estava imersa numa rede de poligamia devido às traições do marido e aceitar que as outras quatro amantes tivessem o *status* de esposas. Por compadecimento à condição ilegítima à qual as mulheres e seus filhos eram relegados, Rami exigiu a Tony, seu esposo, que fossem todas loboladas⁵, isto é, reconhecidas como esposas, mesmo que não aos olhos da igreja cristã.

⁵ A cerimônia de lobolo, como é registrada na narrativa de Chiziane, trata-se do reconhecimento das mulheres como esposas. Nela, o noivo e sua família devem dar à família da noiva dinheiro e presentes condizentes com a importância dela e a condição financeira do noivo. É comum a oferta de peles, tecidos e animais. Feito o lobolo, para a sociedade, o casal está devidamente com matrimônio reconhecido e há reconhecimento legítimo de toda a sua prole.

A partir disso, Tony torna-se oficialmente um polígamo e deve passar uma semana diferente com cada esposa. A dança da poligamia acontece tanto para Tony, que deve se revezar entre as cinco esposas, como para Rami, que também vive suas experiências extramatrimoniais. É fundamental destacar que a experiência polígama de Rami está sujeita aos preceitos de um patriarcado que valoriza o homem que tem diversas esposas e uma prole numerosa, mas que não concede os mesmos direitos à mulher. Elas podem, sim, solicitar um outro companheiro afetivo e sexual enquanto estão na relação poligâmica, mas isso deve ocorrer mediante conselho e aprovação de todos os envolvidos na rede matrimonial, principalmente do marido.

Contudo, o que acontece no enredo de *Nikette* não é o tipo de poligamia tradicional⁶, mas uma que sofre influência europeia e, por isso, é acometida pelo erro, já que a rede poligâmica se desfaz ao final da narrativa. Mesmo assim, o registro da dança dos afetos, dos desejos e das relações de gênero marca a experiência poligâmica da narrativa como aquela que convida a pensar a naturalização e, por sua vez, a desnaturalização das relações matrimoniais, principalmente no que tange à subjetividade da mulher-personagem.

CONFLITOS DO EU: CORPO, FEMINILIDADE E SEXUALIDADE

Para Félix Guattari e Suely Rolnik (1994, p. 31), “[...] a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social”. Observando um cenário de influência capitalista, ocorre um processo de produção de subjetividades capitalísticas, elaboradas em países pertencentes ao capitalismo periférico, isto é, que não ocupam o chamado “primeiro mundo”. Para os autores, diante desse cenário, o sujeito está exposto a uma “encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade” (Guattari; Rolnik, 1994, p. 34), inclusive em processos inconscientes.

A produção de subjetividade acontece tanto a partir das dependências e contradependências do capitalismo como a partir da influência de elementos como a cultura, a lei, a religião etc. Os modos de produção capitalísticos exercem controle

⁶ Para entender melhor sobre isso, sugerimos ver a entrevista concedida a Ana Sousa Dias, de 30 de novembro de 2002, na qual Paulina Chiziane fala sobre a poligamia tradicional. Disponível no *link*: <<https://www.youtube.com/watch?v=bo3VCExemzk>>.

sobre a subjetividade de maneira tão profunda que chega a produzir “aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiamos, quando nos apaixonamos e assim por diante” (Guattari; Rolnik, 1994, p. 16).

Para Preciado (2019), a segunda metade do século XX inaugurou, com a descoberta e invenção dos hormônios, uma nova forma de pensar e de se constituir como sujeito. Nessa era farmacopornográfica, o capitalismo cognitivo trabalha com a exploração de hormônios, fluidos corporais, órgãos, genes, assim, enquanto “os óvulos e o útero foram objeto de privatização social e de cercamento econômico, o esperma, entendido como fluxo soberano, é um líquido cuja circulação pública tem sido promovida politicamente como índice de poder, saúde e riqueza” (Preciado, 2019, p. 80).

Em *Niketche*, Chiziane escreve uma mulher-personagem com a subjetividade formada a partir das relações patriarcais. Estas delegam à mulher uma posição de submissão frente à instituição matrimonial, pois é vista como instrumento do trabalho reprodutivo e veículo que garante a soberania do esperma e a manutenção do poder do pai, chefe da família nuclear e representante da lei social simbolizada pela figura do esposo. Com efeito, sendo objeto de gozo que garante o poder do patriarca, Rami é atravessada por modos específicos de lidar com o corpo, a expressão da feminilidade e a sexualidade.

Silvia Federici (2017), ao apontar uma falha da percepção de Marx sobre a acumulação primitiva⁷, lembra que a exploração do corpo da mulher, principalmente quanto ao trabalho reprodutivo, é fundamental para o desenvolvimento do capitalismo. É o trabalho reprodutivo que garante herdeiros para a perpetuação da herança, a manutenção do nome patriarcal da família, bem como que o homem receba, no ambiente público, o salário que não é pago no âmbito privado. A partir disso, de acordo com Heleieth Saffioti (1987), ocorre a dominação e a exploração da mulher e do seu corpo para que haja sustentação do patriarcado e do capitalismo.

Partindo desses pressupostos e considerando a influência do Ocidente no contexto tradicional moçambicano, bem como da estrutura familiar que conserva a

⁷ Federici afirma que “a acumulação primitiva é o termo usado por Marx no tomo I de *O capital* com a finalidade de caracterizar o processo político no qual se sustenta o desenvolvimento das relações capitalistas” (Federici, 2017, p. 25).

figura do pai como provedor econômico e da mãe como quem realiza os trabalhos reprodutivos e domésticos não remunerados, observamos em Rami a percepção de uma autoimagem usada e desgastada. Para ela, seu corpo é apenas um instrumento que gera filhos, que serve ao homem com o trabalho doméstico e que foi usado para o prazer sexual masculino enquanto era jovem. Segundo ela, “Para a mulher, amar é ser trocada como um pano velho por uma outra mais nova e mais bela - como eu fui. É ser enterrada viva quando a menopausa chega - está seca, está gasta, estéril, não pode produzir nem prazer, nem filhos, e já não floresce em cada lua - dizem os homens” (Chiziane, 2021, p. 117).

O corpo ganha, então, a potência que torna possível a incorporação do gênero (Preciado, 2011) e que exerce controle sobre a vida da mulher-personagem. Judith Butler (2018, p. 4), partindo de uma reflexão de Merleau-Ponty, afirma que o corpo é “uma ideia histórica” e que a mulher, bem como qualquer gênero, também o é. O corpo de Rami como recurso reprodutivo é o que a encerra na condição de mulher, uma vez que sua função histórica é a da procriação, todavia, com o problema da falta de fertilidade, a mulher se coloca em um lugar de comparação e de rivalidade frente a mulheres que ainda gozam de tal capacidade.

Já que a relação poligâmica na qual Rami está não foi elaborada de acordo com o formato tradicional, isto é, com sua prévia aprovação, é comum que ela constantemente se compare às demais esposas de Tony. A expressão da feminilidade esbarra, então, em uma sensação de incompletude e esgotamento, visto que o corpo já não é mais compreendido como sexual, desejante e produtivo, seja pela perspectiva do marido ou da própria mulher-personagem.

Com efeito, ocorre a formação de uma subjetividade que necessita disputar com outras mulheres para conseguir um homem. Este, além de ser a principal ou até mesmo a única fonte de renda para as esposas, deve ser mimado, tratado com obediência e servidão, como forma de agradecimento pela salvação econômica oferecida, como mostra o seguinte trecho:

Isto acontece porque não trabalham. Em cada sol têm que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livres dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão (Chiziane, 2021, p. 102).

Para Rami, a feminilidade das “rivais” acontece via feitiçaria, pela presença de tatuagens sensuais provenientes dos rituais de iniciação sexual e pela sedução natural das mulheres do Norte. Lá, ainda jovens, as mulheres passam por processos estéticos para aumentar os lábios vaginais, aprendem a cozinhar as melhores comidas, a se vestir de maneira sensual, a identificar e estimular as partes mais eróticas do corpo masculino e a dar prazeres a um homem⁸. As nortenhas também são tratadas com adoração, valorização de sua aparência, e o uso de boas roupas e acessórios é uma prioridade para o marido. Sendo sulista, Rami é vista como uma criança por outras mulheres, pois não passou por nenhum ritual de iniciação sexual, não tem tatuagens e estaria a perder seu marido para outras mulheres:

- E o que te ensinava a tua família?
- Falava-me da obediência, da maternidade.
- E do amor sexual?
- Nunca ninguém me disse nada.
- Então não és mulher - diz-me com desdém -, és ainda criança. Como queres tu ser feliz no casamento, se a vida a dois é feita de amor e de sexo e nada te ensinaram sobre a matéria?
- Olhei-a com surpresa. De repente lembro-me de uma frase famosa - *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*. Onde terei eu ouvido esta frase? (Chiziane, 2021, p. 32, grifo da autora).

A compreensão da frase apresentada por Simone de Beauvoir no segundo volume de *O segundo sexo* é um elemento importante na produção de subjetividade de Rami. Para Beauvoir, “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam o feminino” (Beauvoir, 2016, p. 11). Porém, o processo de produção da subjetividade de Rami, além de estar em relação de diferenciação com o homem, ocorre em comparação com o que outras mulheres elaboram sobre a própria feminilidade com o objetivo de servir ao patriarca, ou seja, a mulher seria elaborada como o Outro de um sujeito masculino e, por isso, seria sempre inferior a ele. Em Rami, além dessa outremização, também é elaborada uma sensação de estranhamento quanto às

⁸ Informações concedidas por Paulina Chiziane em entrevista com Ana Sousa. Disponível no *link* do YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=bo3VCEXemzk>>.

demais mulheres, que seriam suas rivais por terem uma postura ativa, no quesito sexual, em suas interações com os homens.

Ao observar como o sexo é ensinado e como esbarra em diferenças culturais, é interessante pensar como, de acordo com Preciado, o sujeito está submetido a uma lógica na qual

o sexo (os órgãos chamados “sexuais”, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes) entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida” (Preciado, 2011, p. 11).

Ao longo da vida, Rami apenas observou o sexo como um meio que assegurava a sua principal potencialidade como mulher: a reprodução. O choque no processo de autoidentificação acontece quando ela percebe que há outras maneiras de ser mulher que não apenas por meio do trabalho reprodutivo e em obediência à lógica farmacopornográfica. Suas “rivais” a apresentam a uma nova possibilidade: uma chance de tornar-se mulher de outra maneira, baseada na percepção do sexo não apenas como um meio de dar prazer ao homem e reproduzir-se, mas como forma de gozar e experimentar o próprio desejo.

Para Preciado (2018, p. 38, grifo do autor), a lógica farmacopornográfica, motor do capitalismo na contemporaneidade, “não produz *coisas*, e sim ideias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma”. Assim, pautada em uma perspectiva que atribui ao gênero a marca de uma tecnologia política, a compreensão do sexo passa pela ótica do que ele já é e daquilo que pode se tornar para a mulher. Por isso, Rami acaba vivenciando uma variação importante da ideia do que é ser mulher graças à intervenção das demais esposas de Tony e à forma como elas veem o sexo.

Em um processo de singularização e resistência à necessidade de satisfazer o patriarca, que muitas vezes demanda uma crença em rituais e superstições, a mulher-personagem, apesar de respeitar a tradição, resiste aos recursos de feitiçaria para segurar o marido no casamento. Em vez disso, o meio de salvação de Rami é legitimar-se como participante de uma rede poligâmica e aceitar que Tony agora possui cinco esposas, sendo todas capazes de viver em harmonia e cooperação. Aqui entra em cena

uma gestão biopolítica que dialoga com a “saída de sucesso” para muitos relacionamentos monogâmicos ocidentais. Como apontado por Lins (2007), uma forma de “vencer” o adultério do parceiro é adequar-se a um novo modelo de relação não-monogâmica. Em uma ação parecida, Rami adota a poligamia, não como uma maneira inovadora de superar a traição, mas como forma de recuperar uma tradição que já era própria de seu povo antes da colonização.

A partir disso, Rami torna-se amiga de suas “rivais”. Em episódios de apoio e proteção, incentiva e patrocina a busca das mulheres pela independência financeira, pela recuperação da autoestima e da autoconfiança:

- Com tuas mãos transformastes o nosso mundo, não transformaste, Rami? Dominaste as feras que viviam nas nossas almas. Antes de ti, a guerra era brava. Éramos cadelas soltas nas lixeiras guerreando-nos pelo Tony, esse osso velho. Éramos estrelas errantes, amorfas. Sopraste-nos com a brisa da tua alma e devolveste-nos o brilho. Tiraste um pouco da tua chama e acendeste as nossas velas. Somos esposas de um polígamo, socialmente reconhecidas, já ninguém nos olha como mães solteiras, apesar dos pesares. Os nossos filhos têm direito a um pai e a uma identidade. Nós já temos negócios, vida própria, sonho e sombra. Já não estendemos a mão para pedir sal e sabão (Chiziane, 2021, p. 220).

Dessa forma, a feminilidade passa a significar menos um lugar de disputa com outras mulheres e mais uma experiência de busca por autoconhecimento. Segundo Preciado, a certeza de ser mulher ou homem funciona como uma prótese de subjetivação possibilitada por “tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance de nossas potencialidades somáticas” (Preciado, 2018, p. 127). Ele apresenta a feminilidade não como uma qualidade natural, mas como uma força que pode ser convertida em mercadoria. No caso de *Niketche*, essa força deve servir como meio de sedução e servidão em prol do homem, que irá figurar como provedor econômico e de respeito social para a mulher que o seduz. Porém, com a percepção dessa condição, Rami quebra um ciclo de rivalidade histórica, o que traz uma modificação considerável na identificação de si mesma e da própria subjetividade.

Com essa mudança, a sexualidade também ganha uma nova significação e passa a ser um aspecto em evidência. A primeira experiência sexual extraconjugal de

Rami ocorreu, depois de uma noite de embriaguez, em uma transa com o amante de Luísa, uma das esposas de Tony. O relato dela foi o seguinte: "O meu corpo inteiro treme como um terremoto. De medo. De vergonha. Dormi com o amante da Lu! Aquela sedenta era eu, bebendo vinho, copo sobre copo, como uma prostituta. Entreguei-me a um desconhecido como uma vagabunda" (Chiziane, 2021, p. 71).

Apesar da sensação de culpa depois da primeira experiência, o segundo ato sexual com outro homem além de Tony, durante o rito tradicional do *kutchinga*⁹, surge para Rami como um marco simbólico para a reelaboração da percepção sobre seu corpo. Agora, o corpo torna-se conscientemente desejante e espera pelo encontro com o gozo:

Ele dá-me um beijo pequeno. Um beijinho suave e incendeia-me toda com a sua chama. As suas mãos macias tocam o tambor da minha pele. Sou o teu tambor, Levy, toca a minha alma, toca. Toca bem fundo no meu peito até que morra de vibração, toca. Ai meu Deus, sinto leveza no meu corpo. Tenho fogo aceso no meu forno, eu ardo, eu enlouqueço, eu me afundo. Mergulhamos fundo na leveza das ondas. Sobre nós cai a chuva luminosa das estrelas-do-mar. Os peixes-voadores emprestam-nos as suas asas e voamos no profundo oceano. A terra é um lugar amargo e distante. Sinto que vou morrer nos braços deste homem. Eu quero morrer nos braços deste homem (Chiziane, 2021, p. 194-195).

É depois dessa experiência vibrante, capaz de conectá-la novamente com a energia musical de seu povo, de seus ancestrais¹⁰, que a protagonista engravida novamente e consegue o sexto filho que tanto desejava. A gestação, além de ser um instrumento de fortalecimento da feminilidade para Rami, já que retira dela o estigma de um útero "seco" e morto, também põe um ponto final ao relacionamento com Tony e ao seu lugar inabalável de patriarca, uma vez que perdera a primeira e as demais

⁹ O *kutchinga* é um rito de morte e purificação sexual pelo qual a mulher deve passar depois da morte do marido. Depois de Tony ter sido erroneamente dado como morto, seu irmão, Levy, teve de assumir Rami e todos os bens deixados por Tony. Durante a cerimônia, oito dias após a morte do marido, a mulher deve entregar-se sexualmente ao cunhado como forma simbólica de mostrar que agora pertence a ele.

¹⁰ O leitor com boa memória poderá lembrar-se da segunda citação longa deste trabalho, na qual Rami afirma ser de um povo cantador e que encontra neste canto um recurso de alívio para a dor que sente. A música, naquele momento, vinha acompanhada de um grande sofrimento, mas agora, depois de sentir-se como um tambor vibrante nas mãos de Levy, a pulsação da personagem é outra. Com tesão, com vontade, ela adentra à dança da poligamia para experimentar novos prazeres que antes julgava absurdos e parece reencontrar a si mesma no ritmo do próprio gozo.

esposas. A reprodução não está mais a serviço do homem e surge como consequência do desejo por prazer e de um corpo feminino que finalmente pode gozar e não apenas ser objeto de gozo.

De acordo com Preciado (2018, p. 128), “Os gêneros masculino e feminino farmacopornográficos existem diante de um público, como uma construção somatodiscursiva de caráter coletivo, frente à comunidade científica ou a uma rede”. Dessa maneira, a reprodução se constitui como uma parte importante do que é ser mulher para Rami e, conseqüentemente, como uma possibilidade de sentir-se desejada e viver a experiência desejante.

Ao longo da narrativa, observa-se uma protagonista que passa de um estado contido, dependente e submisso, para um outro de independência e busca pelo novo. Desde que adentrou a uma rede poligâmica e passou por experiências de gozo fora do casamento, Rami reelaborou a autoimagem que tinha de si e passou a compreender-se não como um objeto de posse de Tony, mas, finalmente, como sujeito autônomo. Agora, portanto, para ser ela própria, a mulher-personagem ama a quem quiser, permite-se gozar, trabalhar no próprio negócio, ter independência financeira, além de sentir-se capaz de definir seu destino, por mais que isso signifique transgredir as normas patriarcais.

POLIGAMIA E RESISTÊNCIA

Segundo María Lugones, “a modernidade organiza o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis” (2010, p. 935). Para ela, a modernidade colonial entrega uma hierarquia dicotômica entre o que seria considerado humano e o que seria o não humano, privilegiando o sujeito moderno. Este é, por sua vez, caracterizado como um homem burguês, europeu, branco, heterossexual, cristão e representa a autoridade que elabora o conhecimento e está nas lideranças públicas, já que é sinônimo de razão. Tal hierarquização presume uma diferenciação entre colonizado e colonizador, bem como entre homens e mulheres, na qual colonizados e mulheres podem figurar como não humanos.

Além disso, Lugones menciona que a modernidade colonial, a primeira a ocorrer juntamente com os processos coloniais, deu lugar a uma segunda: a modernidade capitalista surgida a partir da Revolução Industrial. Com isso, passou a ser comum a desumanização das pessoas colonizadas, que tiveram de renunciar memórias culturais para adotar o padrão europeu. Mudanças como essa podem provocar fissuras profundas na elaboração da subjetividade e um exemplo pode ser a maneira de compreender o gênero e as formas de relacionamento.

Para Oyèrónké Oyěwùmí (2004), o movimento feminista negligenciou as análises de gênero produzidas ao longo do tempo, já que universalizou a ideia de mulher como sinônimo de mulher europeia, branca, heterossexual, cristã e monogâmica. A esse sujeito universal feminino vinculou-se a hierarquização da família nuclear ocidental, elaborada com base em papéis sexuais que colocaram a mulher como subserviente ao trabalho reprodutivo e doméstico e o homem como marido patriarcal. Oyěwùmí (2004) chama a atenção para o fato de, na teoria feminista, a mulher parecer um caracol, já que carrega consigo a casa e a família o tempo todo, sem nunca se desvencilhar da função de esposa.

Para apresentar uma ideia de mulher não universalizada, Oyěwùmí (2004) aponta a família Iorubá tradicional como um diferencial quanto aos critérios de classificação generificados, já que os papéis sexuais não ganham importância como na família nuclear. Tendo a narrativa de Chiziane como ponto de partida, um exemplo de comportamento tradicional moçambicano é a poligamia. Tanto em falas da autora, registradas nas referências e *links* apontados ao longo deste trabalho, como nas observações de Rami, a poligamia tradicional seria conjugada com mútua cooperação entre todas as partes envolvidas na rede matrimonial. Na narrativa, Rami chama esse processo de poligamia verdadeira: “- Na poligamia verdadeira, não é o homem que impõe os seus desejos de ter mais uma, mas as próprias mulheres sugerem um novo casamento. As mulheres não são violentadas e vivem umas perto das outras. Os casamentos são programados, planejados” (Chiziane, 2021, p. 201-202).

Diferente da poligamia verdadeira, a poligamia praticada por Tony sofreu influência do pensamento ocidental. Nele as mulheres estão colocadas como objetos sexuais, conquistas desejantes do gozo negligente da traição e não como seres com

quem é possível fazer um acordo mútuo. Para Tony, suas esposas são meros recursos de prazer que provam sua virilidade patriarcal, ou seja, a condição destinada a elas será sempre a de não humano:

- Vocês são minhas, conquistei-vos. Comprei-vos com gado. Domestiquei-vos. Moldei-vos à medida dos meus desejos, não quero perder nenhuma. E tu, Rami, devias ficar do meu lado, no manejo deste gado, para isso és a primeira. Devias guiar os passos das outras. Velar pela fidelidade conjugal de todas elas. Mas cruzaste os braços e passaste para o lado delas. Contra mim, que te levei ao altar e te dei estatuto de rainha deste mulhério (Chiziane, 2021, p. 134).

No regime poligâmico desejado por Tony é papel da mulher depender do marido para ter algum lugar social, já que o homem é entendido como humano e formulador das leis sociais. Abaixo da hierarquia do patriarca está a posição daquela que figura como uma “rainha”, subserviente a ele e controladora das demais esposas. O professor Sílvio Marcus Correa (2021), pesquisador da obra do senegalês Ousmane Sembène, em análise do patriarcado africano, aponta que a percepção de uma das personagens da obra de Sembène é sobre “a perfídia e a hipocrisia das relações entre as esposas” (Correa, 2021, p. 77). Porém, esse cenário de disputa deixou de ser comum às esposas de Tony graças à postura de Rami, que conduziu a relação entre as demais mulheres para que convivessem em harmonia e apoio recíproco.

Considerando esse contexto de hierarquias, no começo da narrativa, todas as mulheres do polígamo disputam entre si, travando batalhas físicas e morais. Rami, por exemplo, por não conseguir sustentar as brigas que começou, apanhou da segunda e da terceira esposas de Tony na tentativa desesperada de afastá-las do marido. Os atos de violência entre as mulheres representam os efeitos do poder necessário para o controle de não humanos colonizados e não só o agir do poder do patriarca. Partindo da leitura da obra de Frantz Fanon, Renato Nogueira (2020, p. 5) afirma que “a colonização é um sistema predatório e a violência faz parte de sua dinâmica”. Para Nogueira, a barbaridade das marcas coloniais não termina quando se anuncia a independência da colônia; ela se infiltra nas subjetividades dos sujeitos colonizados e afeta a maneira de desejar, de sentir, de pensar.

Para refletir sobre a subjetividade da mulher aqui analisada, é necessário observar como os traços da violência colonial permanecem em seu aparelho psíquico.

Chiziane explica que, no geral, a poligamia se tornou recorrente em contextos nos quais o número de mulheres era maior do que o de homens. Assim, a quantidade desigual de mulheres sem escolaridade, sem renda própria e fixa, fez com que o reduzido número de homens com formação escolar e/ou acadêmica, ou herdeiros de quantias consideráveis, fossem eleitos capazes de tutelar várias esposas, que só possuíam o próprio corpo como moeda de troca. A partir disso, a disputa pela ocupação do posto de “rainha” de um polígamo gera relações conflituosas entre as mulheres, que chegam ao ponto, como já dito, de entrar em atos violentos contra as rivais para garantir o lugar mais alto na hierarquia da rede matrimonial.

Dessa maneira, temos um traço importante da desumanização da mulher colonizada que, como recurso de sobrevivência, submete-se a condições de violência física e psicológica por não ter condições de alcançar lugares sociais independentes do patriarca. Aníbal Quijano (*apud* Ballestrin, 2013) lembra que o fim do colonialismo não significou o fim das relações de colonialidade. Como marcas desse regime, citam-se tanto a continuidade cultural da dominação colonial como a assimilação, o apagamento ou a superação de comportamentos que deveriam ter sido vencidos pela modernidade.

Em *Niketche*, um exemplo de processo de assimilação de postura colonial é o fato de Tony ver suas mulheres como gado, objetos não humanos. Ele recorre sempre a novas conquistas e à formulação de famílias paralelas para afirmar a própria virilidade em vez de tomar decisões em conjunto com a esposa para o estabelecimento da rede poligâmica.

Contudo, apesar dos ciúmes iniciais, das lutas, da violência e do medo de perder seu lugar como primeira esposa, Rami singularizou a poligamia. Ela fez com que mulheres e filhos subjugados à clandestinidade dos preceitos monogâmicos cristãos não estivessem à margem da lei social, moral e da herança do patriarca. A perspectiva tradicional, pelo contrário da ótica cristã, considera a poligamia como uma forma de reunir os diversos membros da família sob um só reconhecimento. Aqui, singulariza-se uma Rami que retorna à tradição polígama, valorizada pelas gerações anteriores, tal qual a da sua sogra. Esta, ao saber que todas as famílias seriam reconhecidas como uma só, reage da seguinte forma:

Grita não à monogamia, esse sistema desumano que marginaliza uma parte das mulheres, privilegiando outras, que dá teto, amor e pertença a umas crianças, rejeitando outras, que pululam pelas ruas. Grita não contra o novo costume de ter uma esposa à luz de várias cuncubinas, com filhos escondidos. Os meus netos marginalizados pela lei clamam por reconhecimento. O sangue da grande família deve ser reunido na sombra da grande árvore dos antepassados (Chiziane, 2021, p. 107).

Desde as cerimônias de lobolo das demais esposas, era esperada de Rami uma postura controladora e mandatária frente à hierarquia que possuía como “rainha”, a qual sempre fora recusada por ela:

Sinto-me promovida na hierarquia da tirania. Dão-me um chicote a que chamam cetrol, para açoitar todas as infelizes que cruzarem a minha estrada. Mas não vou açoitar ninguém. Vou guardar este bastão num baú e atirá-lo bem para o fundo do mar (Chiziane, 2021, p. 109).

Rami, apesar de romper o preceito hierárquico entre as esposas, subjetiva-se de acordo com a moral cristã em alguns momentos, o que causa conflitos pessoais que fazem com que ela, por vezes, prefira a monogamia, apesar de sentir necessidade de vivências não-monogâmicas, como nos trechos mostrados no tópico anterior. Como consequência, em alguns momentos, a poligamia não é apenas uma forma legítima de conceder direitos às mulheres e aos seus filhos, mas também pode ser um sinônimo de imoralidade: “A minha sogra fez de si uma flecha. Insurgiu-se contra os bons costumes da família cristã e tornou-se agente de regresso às raízes” (Chiziane, 2021, p. 108).

Observa-se, portanto, uma fissura na autocompreensão do sujeito. Este se torna dividido entre atos de empatia com as demais mulheres, em reconhecimento da tradição moçambicana, e a perda do lugar legitimado como ideal do que é ser mulher, tal qual representado pelo sujeito universal do feminismo, criticado por Oyěwùmí (2004). Rami ora concorda com os ideais do colonizador ao definir os costumes exclusivistas cristãos como bons e morais; ora age como agente dissidente da poligamia tradicional que quer as mulheres silenciadas e hierarquizadas.

Mesmo no centro desse conflito, percebe-se em Rami resistências às duas visões de mundo, tanto em relação à modernidade capitalista como no que tange ao patriarcado poligâmico. Donna Haraway, ao apresentar a ideia dos ciborgues da vida real, menciona como as mulheres de localidades diversas podem fazer uma reescrita

dos “textos de seus corpos e sociedades” (Haraway, 2009, p. 90). Ela lembra que autoras-ciborgues, como Paulina Chiziane, devem ser consideradas importantes, pois “subvertem os mitos centrais de origem da cultura ocidental” (Haraway, 2009, p. 86), já que “o ciborgue é um tipo de eu - pessoal e coletivo - pós-moderno, um eu desmontado e remontado” (Haraway, 2009, p. 63-64). Assim, compreendemos Rami e Chiziane como representantes dos conflitos aos quais está submetido o sujeito colonizado, já que são exemplos de como a influência do Ocidente afeta a subjetividade, gerando uma dificuldade de aceitação dos valores ocidentais, bem como discordâncias das maneiras locais de compreensão do eu.

O trânsito entre reprodução e dissidência dos preceitos coloniais marca presença em *Niketche* e singulariza uma existência feminina cuja imersão na condição de vítima explorada e dominada pelo capitalismo patriarcal já não é mais aceitável. O reconhecimento da poligamia surge, por exemplo, como uma forma de retornar às tradições, de resistir ao processo colonial europeu e, também, de repensar a exploração da mulher pelo patriarcado. Rami, portanto, ao libertar a si e as suas amigas da poligamia patriarcal, ao experimentar o próprio gozo de acordo com suas vontades e ao buscar sua independência da figura masculina, figura como um sujeito ciborgue em resistência, agindo de forma crítica para a construção da própria subjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que a era farmacopornográfica produz subjetividades que existem de acordo com sensações, desejos e produções químicas hormonais que concordam com a gestão biopolítica ocidental, *Niketche* é uma narrativa que escancara como a colonização europeia traz conflitos nocivos para o sujeito colonizado. As expectativas sexuais ocidentais figuram como parte das subjetividades dos personagens. Em Tony, há a compreensão das mulheres como objetos de prazer; em Rami, inicialmente, o sexo será apenas um meio que tornará possível a sua feitura como mulher, já que permitirá a participação no trabalho reprodutivo.

Os conflitos entre querer ser uma mulher desejada e desejante geram na mulher-personagem problemas de autoestima que fazem com que descredite do próprio potencial e daquilo que compreende como feminilidade. A sua imagem no espelho, perdida de si mesma, só se modifica quando outras mulheres lhe mostram que há possibilidade de existir de uma maneira diferente; então, Rami se fortifica ao ponto de conseguir reelaborar uma feminilidade competitiva e abrir os caminhos de suas ex-rivais rumo à mesma autonomia. É a dissidência de gênero de Rami que permite que ela possa existir tendo outro olhar para o prazer, para as relações afetivas e para o matrimônio.

Sendo obra de uma autora que sempre lutou pela independência de seu povo, *Niketche* representa um processo de crítica quanto à dominação do corpo e dos afetos femininos, que, no geral, são explorados devido ao regime patriarcal, ao pensamento ocidental de objetificação dos corpos e à influência da moral cristã e capitalista, fruto da colonização.

Esse sujeito, como consequência, existe entre as dúvidas e dualidades da voz tradicional de gerações locais anteriores. Assim, a mulher-personagem que antes do casamento adorava dançar e deixar o corpo fluir no ritmo da dança, tal qual as essências do povo chope do qual Chiziane provém, passa, ao longo do matrimônio, por um processo de enclausuramento do corpo. *Niketche* é, pois, não apenas uma dança do amor, mas também uma narrativa que registra a libertação do corpo de Rami e de suas amigas, que se revelam insubmissas ao patriarcado e rasuram essa lógica dentro do próprio problema. Aqui, o deboche e a grande reviravolta estão no fato de a poligamia, conhecida tradicionalmente como recurso patriarcal, ter sido subvertida numa dança de libertação para cinco mulheres que puderam escolher destinos diferentes.

Por fim, o romance pode ser percebido como a representação de uma coletividade de mulheres colonizadas que vivenciam os mesmos conflitos duais e não apenas como um enredo fictício. Sendo a voz de Chiziane proveniente desse lugar, que simboliza a voz de diferentes gerações femininas, sua obra retrata conflitos reais que demandam uma reanálise e um reposicionamento da mulher quanto a sua autoimagem, tal qual o processo vivenciado por Rami.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pelo financiamento da pesquisa e ao Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações (PPGL), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Este trabalho nasceu a partir dos estudos realizados no componente curricular Estudos de Gênero, ofertado pelo PPGL, sob condução da professora Dra. Ana Paula Garcia Boscatti, a quem também dedico toda a minha gratidão.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília. n. 11, p. 89-117, maio/ago., 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Cadernos de leituras**. n. 78, 2018, p. 1-16.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. O patriarcado africano na prosa de Ousmane Sembène. **Revista Graphos**. v. 23, nº 3, p. 73-89, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/60400>. Acesso em: 04 jul. 2024.

EURONEWS EM PORTUGUÊS. **Paulina Chiziane vence Prêmio Camões**. YouTube, 21 de out. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2jG4BGhYpcQ&t=78s>. Acesso em: 17 jun. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue. ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

JPS. **Conheça Paulina Chiziane**, prêmio Camões, 2021(entrevista). YouTube, 24 de out. 2021. Disponível em: [//www.youtube.com/watch?v=bo3VCExemzk](https://www.youtube.com/watch?v=bo3VCExemzk). Acesso em 28 jun. 2024.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda**: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 935-952, set./dez., 2014.

NOGUERA, Renato. Apresentação. In: FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade**. Escritos Psiquiátricos. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: UBU Editora, 2020. Disponível em: <https://trechos.org/wp-content/uploads/2020/07/Alien%C3%A7%C3%A3o-e-liberdade-escritos-psiqui%C3%A1tricos.pdf>. Acesso em 25 set. 2024.

OYĖWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Dacar: Codesria, 2004. Disponível em l1nq.com/Qp8GB. Acesso em 24 set. 2024.

PRECIADO, Paul Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, p. 11-20, jan./abr., 2011.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacoponográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.